



# CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XII Encontros de Viana – Cinema e Vídeo (2012)**.

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

## OS GATOS PERSAS

Título original: Kasi az Gorbehaye Irani Khabar Nadareh

Realização: Bahman Ghobadi

Género: Drama, Documentário, Musical

Classificação: M/12

Outros dados: Irão, 2009, Cores, 106 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | [ao-norte@nortenet.pt](mailto:ao-norte@nortenet.pt) | [www.ao-norte.com](http://www.ao-norte.com)

## Resumo

Teerão nos dias de hoje. Negar e Ashkan, dois jovens músicos iranianos que acabam de sair da prisão, tentam criar um grupo de rock alternativo para tentar a sua sorte na Inglaterra. Precisam de músicos mas também de dinheiro para os passaportes e os vistos assim como de autorizações oficiais para montar a banda. Nader, um músico com muitos contactos na cena *underground* de Teerão, quer ajudá-los neste projeto: corre a cidade à procura de guitarrista, de baterista, ou ainda de vocalista. Além disso, aproveita os seus contactos para pedir passaportes e vistos falsos para alguns membros do grupo. Nader tenta igualmente organizar um concerto a fim de angariar dinheiro. Quando tudo parece estar quase resolvido, uma rusga da polícia na casa do falsificador de documentos oficiais deita por terra as esperanças de Nader. Este desaparece, o que preocupa os seus amigos. Encontram-no bêbado mais tarde numa festa clandestina. Quando a polícia se apresenta no lugar para prender os participantes na festa, Ashkan salta pela janela...

## Crítica

O filme de Ghobadi (Prémio do júri no Festival de Cannes, 2009) celebra uma Teerão ignorada muitas vezes pelos média ocidentais hegemónicos, uma Teerão cheia de energia, de criatividade musical, de jovens bastante semelhantes a muitos jovens de Lisboa ou de Madrid. Ou seja, jovens que lutam para ter um futuro melhor, jovens que ouvem os mesmos géneros de música, veem os mesmos filmes, leem os mesmos livros (Negar, por exemplo, lê *A metamorfose* de Kafka, 26'15). Filmado com urgência (foram só 17 dias de rodagem), com intervenções da polícia, ameaças de censura, *Os Gatos Persas* retrata a luta dos que querem, apesar de tudo, não viver da sua arte mas simplesmente gozá-la.

A sequência inicial, a conversa no estúdio de gravação entre o técnico de som e uma música (0'36- 02'42), é de certo modo programática. Estes conversam sobre o filme que está a ser feito por Bahman Ghobadi, que está a gravar música no estúdio. O técnico descreve o filme, a maneira como será feito: um filme sem autorização sobre as músicas e os músicos de Teerão, com atores não profissionais, Ashkan e Negar fazendo deles próprios na iminência de sair do Irão (o que aconteceu logo após as filmagens).

Depois desta sequência, Ghobadi enceta uma viagem musical e física pela cidade. O espetador acompanha as três personagens principais nas suas deslocações. A estrutura do filme desenha-se assim: descobre-se um novo grupo e a seguir ouve-se uma das suas canções sob forma de um *clip*. Em cada *clip*, constituído por imagens roubadas, filmadas à socapa, é um retrato de Teerão que se desenha. São de assinalar as múltiplas sequências noturnas de caves, esconderijos... ou seja, de lugares onde se faz esta música alternativa e proibida pelo Estado.

Falava há pouco de filmagem na urgência; trata-se de uma urgência assumida, transformada em estética, pois Ghobadi não procura o plano trabalhado pela luz artificial, o som puro filtrado em estúdio. Multiplicam-se os planos aproximados desfocados, os cenários com luz fraca (a de uma vela, por exemplo), os quadros trémulos por causa da câmara ao ombro, os ruídos da vida urbana. Até os incidentes de rodagem, como as intervenções da polícia e a detenção provisória de Ghobadi, são integrados no filme. Veja-se a sequência no decorrer da qual Nader se defende da acusação de posse de DVDs pirateados (45'38- 50'03). Só vemos do interrogatório o que Ashkan vê através da porta: ouve-se o juiz mas nunca o vemos, como se justamente Ghobadi tivesse tentado sublinhar a presença repressiva do Estado. Em suma, apesar de se tratar de uma ficção, este filme também pode ser interpretado como sendo um objeto próximo do género documental, partilhando muito com a estética do documentário.

Às vezes, a escolha de uma certa estética possui outras motivações. Noutra sequência de estúdio (27'26-30'11), as imagens do grupo aparecem desfocadas para os membros não poderem ser reconhecidos. Neste grupo a mulher canta sozinha com músicos masculinos, o que é proibido pelo Estado. Na mesma sequência, temos um bom exemplo da maneira de proceder de Ghobadi no resto do filme, pois, em montagem alternada, temos planos do estúdio com a cantora e planos curtos de mulheres em Teerão. O tipo de música determina o tipo de imagens da cidade assim como o ritmo desta. Ghobadi intenta mesmo traduzir Teerão em música e traduzir a música em imagens. Aqui também o filme revela o seu conteúdo político, pois não se trata somente de ilustrar a música mas de apontar, com a música, o que, às vezes, outros gostariam que permanecesse escondido. É o que acontece, por exemplo, quando, para acompanhar uma espécie de *blues*, Ghobadi, numa sucessão de planos rápidos, revela outro aspeto da Teerão noturna: a pobreza, os sem-abrigos, as crianças de rua (01:01:05 – 01:05:01).

Mais tarde, esta realidade será igualmente tema do grupo de rap que ensaia em prédios em construção. Trata-se talvez da sequência emocionalmente mais forte do filme, mais politicamente empenhada também, onde Teerão aparece como uma cidade sem solidariedade, como uma espécie de selva onde os mais poderosos tudo podem. Do ponto de vista narrativo, a canção de rap ocupa um lugar estratégico, pois antecede, bem como anuncia, pelo seu conteúdo, o fracasso final das três personagens.

Em suma, poder-se-á dizer que *Os Gatos Persas* tem a ver com o que existe, mas que o Estado e uma certa sociedade querem ignorar. Aliás, o título alude a isso pois os gatos, assim como os cães, tão pouco podem ser vistos na via pública. Os grupos do filme assemelham-se assim metaforicamente aos animais em questão. Daí a importância de uma curta sequência, a da intervenção da polícia junto de Negar e de Ashkan no carro (01:05:02 – 01:06:31). O quadro não se mexe em toda a sequência, o essencial sendo a relação de tensão entre o espaço atual, o do carro dos dois jovens, e o espaço virtual, fora do carro, o da autoridade. Da presença desta, só temos a voz a dimanar de fora do quadro. Como aconteceu na sequência do tribunal, o Estado e os seus representantes, justamente porque existem no fora de quadro, são representados como uma força que em qualquer altura e por qualquer razão intervém na vida dos cidadãos. É o que acontece quando a polícia prende os falsificadores ou ainda, no fim do filme, quando a polícia invade o apartamento onde decorre a festa.

Se o lermos nos pormenores, *Os Gatos Persas* é um filme eminentemente político. Pois o que determina a situação das personagens não parece ser tanto o fator económico, mas antes o fator político: é a lei que determina se um grupo pode existir ou não, se músicos podem ou não sair do país, se as raparigas podem cantar.

Neste contexto, a felicidade não passa de uma esperança longínqua que desaparece no momento exato em que parecia prestes a tornar-se realidade. De facto, o grupo é formado, consegue ensaiar pela primeira vez, os músicos sonham com um futuro que quase conseguem tocar, mas o sonho desmorona-se com a recusa da licença, a apreensão dos falsificadores e a queda final de Ashkan. Nos derradeiros momentos, *Os Gatos Persas* vê os seus ritmos frenéticos reduzidos ao ritmo melancólico da última balada. O olhar-câmara de Negar traduz não só a tristeza da personagem naquele momento, mas também o desespero de parte da juventude iraniana.

## PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO DO FILME

### 1. Reflexão individual

Preenchimento do guião de observação que segue em anexo.

### 2. Reflexão em pequeno grupo

Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:

- Identificar o contexto político em que decorre a acção;
- Identificar, no filme, situações que colocam em causa a liberdade individual e de grupo;
- Identificar, no filme, instrumentos de repressão;
- Verificar se a lei é efetivamente cumprida, justificando com passagens do filme.

### 3. Reflexão em grande grupo

Apresentação das conclusões à turma para debate.

Registar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover, tendo como referência os DIREITOS HUMANOS.

***Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições***

## ALGUMAS QUESTÕES QUE DEVERÃO SER FOCADAS DURANTE O DEBATE

- Modelos totalitários
- O fundamentalismo islâmico
- Instrumentos de repressão: censura; polícia política; prisão entre outros
- Formas de resistência à opressão



# Guião de Visionamento

---

## **Ficha Técnica**

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

## **A preencher após o visionamento do filme**

**Situa a acção no tempo e no espaço.**

---

---

---

**Indica as personagens mais importantes.**

---

---

---

---

**Refere a temática abordada.**

---

---

---

**Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).**

---

---

---

---

---

---

---

---

**Faz um breve comentário ao filme.**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Refere um, ou mais assuntos que gostarias de ver debatido na aula.**

---

---

---

**Nome:** \_\_\_\_\_ **N°** \_\_\_\_ **Turma** \_\_\_\_\_

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | [ao-norte@nortenet.pt](mailto:ao-norte@nortenet.pt) | [www.ao-norte.com](http://www.ao-norte.com)